

# NIETZSCHE E FOUCAULT COMO DANÇARINOS: A ARTE E O PERIGO DOS PROCESSOS DE PESQUISA

Paula Corrêa Henning<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente estudo busca compor tessituras em nossas ações como pesquisadores e indicar alguns caminhos que foram possíveis trilhar ao produzir uma pesquisa que traz como proposta análises de discursos no campo da Educação. Problematisa o conceito de discurso em Michel Foucault e provoca o leitor a pensar sobre as estratégias de pesquisa que selecionamos ao compor nossas práticas investigativas. Resultado de uma caminhada de um Doutorado em Educação, o artigo busca expressar a perplexidade e a insegurança de não ter traçados firmes e demarcados no decorrer da pesquisa. Apesar de tal incerteza, são as dificuldades no caminho investigativo que tornam o fazer científico mais alegre, mais provocativo e mais próximo daquilo que Nietzsche nos convida a fazer: uma gaia ciência.

**Palavras-chave:** Educação. Processo de Pesquisa. Discurso. Friedrich Nietzsche. Michel Foucault.

## ABSTRACT

The present study tries to compose textures in our actions as researchers and to point out some paths that were possible to follow when producing a research that proposes discourse analysis in the Education field. It problematizes the concept of discourse in Michael Foucault and provokes the reader to think about the research strategies that we have selected to compose our investigative practices. As the result from a Doctorate in Education, the article seeks to express the perplexity and the insecurity of having not firm and demarcated tracks during the research. In spite of this insecurity, the difficulties during the investigation make the scientific actions happier, more provocative and nearer of what Nietzsche invites us to do: a Gaia science.

**Keywords:** Education. Research Process. Discourse. Friedrich Nietzsche. Michel Foucault.

<sup>1</sup>Mestre em Educação (UFPeI – Pelotas/RS). Doutora em Educação (UNISINOS – São Leopoldo/RS). Professora adjunta e pesquisadora do Instituto de Educação da FURG e dos Programas de Pós-graduação em Educação Ambiental e Educação em Ciências. E-mail: paula.henning@ig.com.br.

Levar a sério. – O intelecto é, na grande maioria das pessoas, uma máquina pesada, escura e rangente, difícil pôr em movimento; chamam de “levar a coisa a sério”, quando trabalham e querem pensar bem com essa máquina – oh, como lhes deve ser incômodo o pensar bem! A graciosa besta humana perde o bom humor, ao que parece, toda vez que pensa bem; ela fica “séria”. E “onde há riso e alegria, o pensamento nada vale”: – assim diz o preconceito dessa besta séria contra toda “gaia ciência”. – Muito bem! Mostremos que é um preconceito! (NIETZSCHE, 2001, p.217) [grifos do autor].

Como explicar como devemos ser pesquisador/a? Parece-me que para isso não existe uma fórmula pronta. Pelo menos para mim, é difícil a tarefa de explicar como fazer pesquisa. Faz-se pesquisa, fazendo-a! Mesmo sabendo de todos os riscos que um texto como este pode sugerir, desafio-me a dançar à beira do abismo, como nos sugere Nietzsche (2001), e lanço-me a provocar o pensamento do leitor numa tentativa de irrupção, de ousadia ao buscar traçar alguns caminhos necessários aos processos de pesquisa. Pesquisas menos lineares e, talvez por isso mesmo, mais trabalhosas para nós, que aprendemos a fazer pesquisa pelos traçados de um método científico.

O objetivo deste texto é muito modesto: pretende apenas que possamos compor tessituras em nossas ações como pesquisadores e indicar alguns caminhos, que, pelo menos para mim, foram possíveis trilhar ao produzir uma pesquisa que traz como proposta análises de discursos no campo da Educação, tendo como referência especialmente os estudos de Michel Foucault. Esse artigo resulta de minha caminhada no Doutorado em Educação, em que, muitas vezes, a insegurança de não ter traçados firmes e demarcados no decorrer da pesquisa deixavam-me perplexa e imobilizada frente aos dados coletados. Apesar de tamanha incerteza, é importante dizer que são essas perplexidades e dificuldades no caminho investigativo que tornam nosso fazer científico mais alegre, mais provocativo e, ousado dizer, mais próximo daquilo que Nietzsche (2001) nos convida a fazer: uma gaia ciência.

Para isso, começo dizendo que talvez exista um único ponto que se repita em propostas de investigação que pretendam o abandono do Projeto Oficial da Modernidade<sup>2</sup>: o desafio de pensar sobre o pensamento, inventar e experimentar a si mesmo através de suas singulares travessias, de colocar em xeque as verdades já sabidas, de trilhar um caminho que no início ainda não conhecemos e talvez terminemos sem conhecê-lo seguramente... Por isso,

[...] este não é um texto prescritivo, que ambiciona dizer como se deve fazer pesquisa; nem disputa, com outros textos sobre a mesma questão, alguma supremacia ou estatuto de verdade; sequer pretende estabelecer uma miragem gêmea de qualquer saber absoluto, ou de alguma intuição inefável sobre a pesquisa educacional. É apenas um texto experimental, um documento articulado a *posteriori* sobre ações já realizadas ou em realização, cujo simples propósito é o de que se torne uma referência-flecha possível para outras/os pesquisadoras/es (CORAZZA, 2002, p.108) [grifo da autora].

Quero apenas deixar claro que, diferente de Corazza, meu texto aqui não tem a pretensão de se tornar referência-flecha. Talvez ele seja apenas um espaço para que eu – como pesquisadora – possa fazer uma confissão necessária: os traçados que percorri para produção de uma pesquisa que pretendeu dar as costas ao método científico da Modernidade. Seja como for, a citação da autora me inspira ao provocar reflexões no sentido de pensar ações necessárias para a realização de nossas pesquisas no campo da Educação. Mas há que se fazer um alerta: um trabalho de pesquisa que escapa às categorias da tradição não nos apresenta um manual a ser seguido para realização de uma boa pesquisa. Ele apenas nos coloca a pensar sobre como poderíamos rachar com as práticas por tantos séculos cristalizadas em ações científicas e que talvez possam ser ressignificadas.

Por isso, cada pesquisa é uma, cada novo passo traçado é a escolha e a renúncia do pesquisador ao longo do caminho. Operar com dúvidas, angústias, anseios diante dos dados coletados. Saber o que analisar, o que pinçar como importante e necessário, ao que dar luz e o que deixar à sombra são exercícios do processo de pesquisa que muitas vezes não são fáceis... difícil selecionar o que dizer, com quais conceitos operar.

Pensar o processo de pesquisa como flechas que se cruzam ininterruptamente, abandonando o Método Científico e questionando os labirintos investigativos que se fazem presentes a cada escolha ou renúncia foi como pretendi lançar meu olhar diante dos discursos selecionados, para analisar discursos que se produzem em pesquisas das Ciências Humanas, especialmente no campo da Educação na atualidade.

Abandonar uma concepção marcadamente predicativa e hegemônica, em que somente o que traz o carimbo científico (da observação e da experimentação) tem valor, foi desafio colocado em meu estudo. Ferrolhos matematicamente traçados, linhas categoricamente determinadas e hipóteses previamente indicadas são

<sup>2</sup> Refiro-me a Projeto Oficial de Modernidade para demarcar o início dessa Episteme. Um tempo em que o método científico de Descartes determina o que é o que não é ciência, pelo carimbo da racionalização, da observação e da experiência.

caminhos que quis desviar no meu processo de pesquisa. Enfim, quis me distanciar das coisas da ordem da patologia: “o reparo, a travessura, a sorridente suspeita, a zombaria são sinais de saúde: tudo absoluto pertence à patologia” (NIETZSCHE, 2005, p.71).

Insatisfação com o já sabido: por que tais discursos presentes nos materiais empíricos e não outros em seus lugares? Por que essas séries discursivas; essas dispersões; essas marcas históricas e não outras? A pesquisa é sempre – arrisco-me a dizer que pelo menos deveria ser – fruto de uma insatisfação com as respostas já dadas. Com isso, através de minha história de vida, fui sendo produzida e produzindo as indagações que vieram compondo as escolhas para que selecionasse um determinado tema para minha investigação. Desmanchando os traçados categóricos do método científico de Descartes, a marteladas<sup>3</sup>, vou desconstruindo cada um desses traçados tão seguros, que antes me davam a diretriz de como fazer pesquisa em Educação. Na contramão disso, flechas foram cruzando meu caminho e compondo meu trabalho de investigação.

Foucault sempre invoca a poeira ou o murmúrio de um combate, e o próprio pensamento lhe aparece como uma máquina de guerra. É que, no momento em que alguém dá um passo fora do que já foi pensado, quando se aventura para fora do reconhecível e do tranquilizador, quando precisa inventar novos conceitos para terras desconhecidas, caem os métodos e as morais, e pensar torna-se, como diz Foucault um 'ato arriscado', uma violência que se exerce primeiro sobre si mesmo (DELEUZE, 2006, p.128).

Foi esse desejo inquietante de que trata Deleuze que me mobilizou a olhar para os materiais empíricos de outro lugar. Cotejar novas sendas, abrir outros caminhos. Mas também foi esse desejo que me mostrou os perigos da pesquisa as – muitas e muitas – dificuldades em olhar para os materiais e abandonar concepções tão bem determinadas de como fazer pesquisa. O caminho não foi fácil. A paralisação diante dos dados ocorreu inúmeras vezes, o retorno a conceitos que pareciam já esgotados no estudo, a escolha da problematização<sup>4</sup>. Conto isso porque essas experiências que me atravessaram foram imprescindíveis para balizar as estratégias metodológicas aqui apontadas.

Nessa trajetória, a presente pesquisa aceitou o perigo foucaultiano de não resolver os problemas encontrar alternativas que interpretem os discursos do corpus investigado compreendendo quais deveriam circular nas Ciências Humanas hoje.

O que eu quero fazer não é a história das soluções, e esta é a razão pela qual eu não aceito a palavra “alternativa”. Eu gostaria de fazer a genealogia dos problemas, das problematizações. Minha opinião é que nem tudo é ruim, mas tudo é perigoso, o que não significa exatamente o mesmo que ruim. Se tudo é perigoso, então temos sempre algo a fazer (FOUCAULT, 1995, p.256).

O que tive/quis fazer aqui – e insisto mais uma vez, uma atividade perigosa – foi operar com alguns dos discursos que vêm constituindo o campo da Educação, uma ciência humana, problematizando os ditos, examinando suas recorrências e descontinuidades.

Para isso, digo que nessa pesquisa não encontrei categorias previamente definidas. Se quisermos chamar assim, prefiro aqui referir como unidades de sentido. Foram elas que deram os contornos da pesquisa, agrupando as recorrências e séries discursivas e também os acasos que rompem com as séries discursivas. Porém, as unidades de sentido só foram delimitadas após um escrutínio dos dados coletados. Aqui não existiram categorias prévias. Elas só foram possíveis após a tensão entre a escolha teórica e metodológica e olhando, mexendo, relendo os dados da pesquisa, enfim, só foram possíveis os levantamentos das unidades, após mergulhar nos estudos *foucaultianos* e *nietzscheanos* e nos materiais empíricos.

Sendo os traçados feitos a cada movimento nas tramas da pesquisa, percebi a necessidade de mergulhar nos conceitos, no referencial teórico, enfim, na perspectiva que foi dando o tom do estudo. Quando trato de teoria, não estou separando o pensar do fazer, mas estou entendendo teoria como produto da realidade, que se torna importante para entender os discursos que vêm compondo os materiais empíricos que se pretende descrever. Assim, quando digo da importância de mergulhar na teoria, digo compreendendo que essa mesma teoria produz o objeto do qual quis tratar nessa investigação. Descobrir, desvelar verdades ocultas foi do que busquei,

<sup>3</sup>A Filosofia de Nietzsche, a marteladas, refere-se à proposta anunciada em *Crepúsculos dos Ídolos, ou de como filosofar com o martelo* (NIETZSCHE, 2000). Querendo rachar as coisas, suscita indagações acerca do caráter efêmero de toda e qualquer verdade. Vale aqui martelar nosso próprio pensamento, suspeitando até mesmo das ferramentas que selecionamos para trabalhar em nossos estudos.

<sup>4</sup>A problematização em Foucault (2006) refere-se a essa experiência de pensar o pensamento. Ser possível problematizar questões que se encontram inquietas em nós mesmos. Quando me refiro a minha problematização, tenho presente a escrita de Foucault (2002) ao referir-se à necessidade de estarmos livres quando se trata de escrever.

incessantemente, me afastar. O que quis e assim pretendi fazer foi textualizar os dados coletados, ou seja, busquei examiná-los e operar com ferramentas analíticas, que me possibilitassem dar o que pensar acerca dos discursos que ali circulam. Com isso, operei com alguns conceitos e abandonei outros que, nesse momento, não os enxerguei, talvez em outro momento ou com outro/a pesquisador/a teria sido possível enxergá-los. O fato é que uma pesquisa é sempre feita de recortes. E um deles é a própria ferramenta que utilizamos para dar cor, luz e até mesmo sombra a alguns discursos que se anunciam nos materiais empíricos. Com isso, quero reiterar a importância de operar com os discursos e os conceitos tidos como operadores, ou seja, colocá-los a funcionar.

A escolha do corpus discursivo em uma pesquisa não é sem razão. Optei pelo meu, por encontrar nele fontes produtivas, materiais que me deram o que pensar sobre alguns discursos que vêm sendo produzidos pelas Ciências Humanas no campo da Educação. Assim, olhei para quatro Teses de Doutorado defendidas por um Programa de Pós-graduação em Educação do Rio Grande do Sul em 2006. Meu objetivo era investigar quais recorrências e descontinuidades vêm aparecendo e compondo o campo das Ciências Humanas através de discursos sobre o homem, que saberes são ditos como Ciências Humanas, qual a repercussão desses saberes na vida do homem. Que discursos são esses que compõem as Teses e delineiam alguns traçados do campo da Educação? Assim, em primeiro lugar, quero anunciar como passo a olhar os discursos, as palavras, as verdades que esses materiais empíricos vêm produzindo.

Discurso é um conceito que, em Foucault, não se “capta” com facilidade em seus textos. Foucault afasta-se de qualquer conceito universalizante, sendo difícil para nós, que conhecemos e muitas vezes vivemos as marcas do Projeto Oficial da Modernidade, ler, estudar sem ser pela via da racionalização, da preocupação do que é mesmo, afinal de contas, discurso. Tentando me afastar disso, procurei entender algumas de suas ferramentas sem buscar um conceito originário, final ou central das coisas que vinha estudando.

Assim, os textos que aqui transigem meu material empírico – as quatro Teses – foram vistos como coisas ditas em um determinado tempo e lugar. Esses discursos são entendidos como produtores de idéias, formas de falar e fazer pesquisas no campo das Ciências Humanas. Nas formações discursivas das Teses investigadas, existe o que é e o que não é adequado de se dizer, pensar e praticar nas Ciências Humanas. São os discursos que constroem o mundo social e constituem as narrativas que convencionamos chamar de verdadeiras. Eles descrevem, fabricam e inventam um mundo que não tem sentido fora deles.

Olho para esse corpus discursivo na tentativa de “não interpretá-lo, não determinar se diz a verdade, nem qual seu valor expressivo, mas sim trabalhá-lo no interior e elaborá-lo” (FOUCAULT, 2002, p.7). Aqui fiz uma

seleção do que me interessa para descrever alguns dos discursos que compõem as Ciências Humanas na atualidade. Estabeleci unidades de sentido, descrevi continuidades e descontinuidades, recortei, selecionei, dirigi meu olhar para algumas coisas e não outras. Enfim, olhei para esses documentos pelo que diziam, pelos jogos enunciativos que produziam, querendo perceber as séries que não cessavam de repetir e também os acontecimentos raros que se apresentavam nesses mesmos discursos como fenômenos de rupturas. Pretendi, enfim, fazer uma descrição organizada desses discursos que entendo como práticas que obedecem a regras para sua formação e enunciação. Diferente das paisagens familiares, quis ser tomada pelos documentos, sendo possível, quem sabe, pensar diferente do que se está acostumado (FOUCAULT, 2002).

Não estou preocupada em verificar se esses discursos são verdadeiros ou não. Parto do princípio de que, sendo eles produzidos num campo legitimado de saber – como um Doutorado em Educação –, são discursos que circulam e se fazem funcionar como verdadeiros nessa atualidade que constitui as Ciências Humanas. Interessou analisar os efeitos desses discursos como produtores de verdades.

Olhei para meus materiais empíricos como discursos pronunciados pelas coisas escritas, ditas e/ou comunicadas através de signos. Não os tomo a partir do oculto, do não-dito e do que gostariam de dizer. Ou então do que eles estão querendo dizer verdadeiramente. Como quer Foucault, tento ficar no nível do próprio discurso: “não procuramos, pois passar do texto ao pensamento, da conversa ao silêncio, do exterior ao interior, da dispersão espacial ao puro recolhimento do instante, da multiplicidade superficial à unidade profunda. Permanecemos na dimensão do próprio discurso” (FOUCAULT, 2002, p.85). Preocupo-me especialmente com a positividade desses discursos, o que eles vêm produzindo no campo das Ciências Humanas.

Entendendo-os como “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2002, p.56), afastei-me de uma interpretação precisa da realidade. Busquei entender as Teses analisadas como um conjunto de regras da prática discursiva. Os discursos que ali se materializam não ocorrem fora de uma ordem do discurso mais ampla, mas num campo de ação possível, num sistema que acolhe esses ditos e os faz funcionar como verdadeiros. Esses dizeres não estão soltos no mundo à espera de serem interpretados. Eles são produzidos e produzem essa atualidade e nela produzem efeitos de verdade.

Por isso, esses ditos são tomados aqui como objetos de uma luta política, objetos do desejo, objetos do poder. Como marcam um momento histórico – especificamente aqui se trata do nosso momento histórico, do contemporâneo – esses discursos são ditos por sujeitos legitimados, que desenvolvem saberes para que seus discursos sejam realmente escutados, ou seja, esses discursos, para serem ouvidos, precisam ser ditos por aqueles que podem produzir o discurso das Ciências

Humanas, podem produzir o discurso educacional, especialmente. Eles estão na ordem do discurso. E, nesse sentido, é um discurso legítimo, aquele que é escutado, que não sofre a interdição, “é pelo que se luta, o poder do qual queremos apoderar” (FOUCAULT, 2004, p.10). Esses discursos são aqui entendidos como desejáveis e úteis.

Sendo assim, são como coisas pronunciadas ou escritas sendo uma produção controlada e selecionada. Sabe-se que não são todos que podem dizer qualquer coisa. É preciso estar “no verdadeiro”. Essa vontade de verdade exerce enfim um poder sobre os demais discursos: ou te colocas na ordem, “no verdadeiro”, ou então não és escutado. “Não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo uma ‘polícia’ discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos” (FOUCAULT, 2004, p.35) [grifo do autor]. Esses discursos são então considerados sérios a partir de regras ditas pelo jogo de verdade do qual participam<sup>5</sup>.

A partir desses marcadores do conceito de discurso, pretendi perceber a análise de raridade como figura que rompe a regularidade, a série discursiva que aqui também foi importante e descrita quando percebi sua necessidade para trazer a análise dos acúmulos de ditos. Quis, enfim, estabelecer uma positividade dos discursos, entendendo-os “como séries regulares e distintas de acontecimentos” (FOUCAULT, 2004, p. 59).

Além disso, coube também descrever as condições de possibilidade para que esses discursos fossem ditos e não outros em seu lugar. Qual a probabilidade de sua emergência nesse cenário, nesse momento histórico contemporâneo em que se pronunciam esses discursos nas quatro Teses de Doutorado em Educação? Quais as condições para sua aparição em um momento em que proliferam diferentes perspectivas, em que um único e total discurso já não toma a ordem discursiva vigente?

Com esses objetivos, fui compondo cotidianamente meus traçados da pesquisa, compondo meu caminho, selecionando atalhos, justificando escolhas. Por isso digo que fazer pesquisa, como nos sugere Nietzsche e Foucault, não é tarefa fácil. Mas, afinal, quando dissemos que seria?

Quanto àqueles para quem esforçar-se, começar e recomeçar, experimentar, enganar-se, retomar tudo de cima abaixo e ainda encontrar meios de hesitar a cada passo, àqueles para quem, em suma, trabalhar mantendo-se em reserva e inquietação equivale a demissão, pois bem, é evidente que não somos do mesmo planeta (FOUCAULT, 2006, p.12).

Iniciar de novo, rachar as palavras, romper com significados tão caros à pesquisa moderna, percorrer sendas sem saber o que iria encontrar são marcas do desafio de pesquisar com Nietzsche e Foucault. E é por compartilhar com as críticas desses autores sobre a Modernidade como um tempo mais progressista que tracei este texto, compondo pequenas rachaduras na minha própria vida. Optar por essas trilhas no campo da pesquisa transforma não apenas o olhar que colocamos sobre os objetos sobre os quais falamos, mas transforma também, e substancialmente, a nossa vida, travando com ela práticas de liberdade que talvez possam nos levar a compor outras obras de arte.

Sugiro a cada um que inicie suas pesquisas, que pergunte a si mesmo sobre os autores que seleciona para dialogar com os achados da pesquisa: “Nossas primeiras perguntas, quanto ao valor de um livro, uma pessoa, uma composição musical, são: ‘É capaz de andar? Mais ainda, é capaz de dançar?...’” (NIETZSCHE, 2001, p.267) [grifo do autor]. Não posso responder por outros autores que não Nietzsche e Foucault, que foram os que selecionei para caminhar comigo ao longo da trajetória de pesquisa. Posso dizer deles! E deles digam que são capazes de dançar, são capazes de bailar e sacudir uma investigação, de incomodar cotidianamente com pequenas questões que podem afinar melhor o discurso. Vale a pena a escolha. Valem a pena as dificuldades encontradas no caminho. Aliás, é importante dizer, vale a pena a pesquisa, quando se trata de pensar o pensamento e compor outras obras de arte no processo de investigação. Por isso a escolha de autores que compõem conosco cotidianamente a permanente suspeita de nossas verdades mais sólidas.

## REFERÊNCIAS

- CORAZZA, Sandra. *Labirintos da Pesquisa*, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber. (org.). **Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 5ª reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *O Sujeito e o Poder*. Apêndice da 2ª edição. Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995.
- \_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

<sup>5</sup> A polícia discursiva da Educação na atualidade parece ser a busca incansável pela formação do sujeito transcendental, soberano, banhado de luzes. Difícil escapar de um regime de verdade que tem nos preceitos modernos sua ordem **discursiva**.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. 10ª ed. São Paulo, Edições Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos, ou, como filosofar com o martelo**. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2000.

\_\_\_\_\_. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.